

Mounta**in** VOICES

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXI | #125 | mai/jun 2012



Montanhismo
Serra do Mar

Escalada
Éléphant - Mali

Equipamentos
O que afeta sua corda?

www.snake.com.br

LINHA
EFCO
NATURE
THANKS



Sunset

Terror



Blox


SNAKE
reach the top

Conheça nossa linha completa de botas e sapatilhas

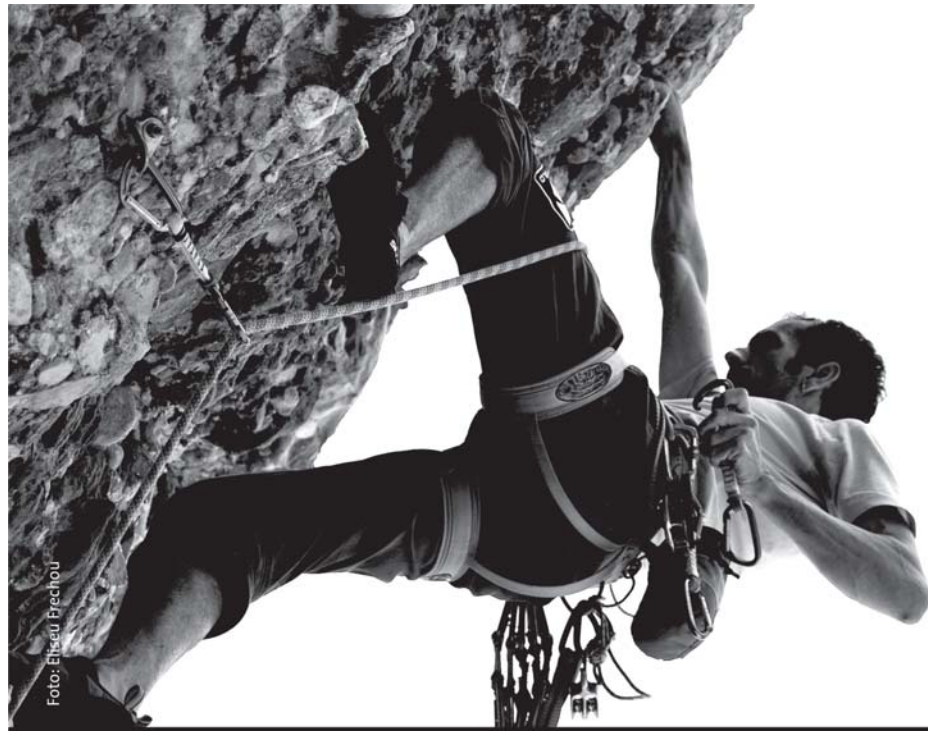


Foto: Eikeu Prechou

EU SOU A MONTANHA

Subir é aprender a ser livre. A SOLO veste sua liberdade para você viver a aventura.

VISTA SUA LIBERDADE

www.solobr.com

SOLO

Internacional



ALESSANDRA ARRIADA | RS

Escrever e ler sempre foram incríveis e prazerosos hábitos adquiridos desde minha infância. Com a internet, meu horizonte se estendeu para o maravilhoso mundo virtual, onde pude ter acesso a pessoas e histórias maravilhosas. Sempre gostei muito de ler acerca de mulheres admiráveis, principalmente na escalada, e venho acompanhando as ascensões e conquistas do universo feminino em lugares como Yosemite, Patagônia, Espanha e também pelo Brasil afora. No nosso país temos verdadeiras guerreiras e apaixonadas pelo esporte, mas lá fora, pela realidade econômica e até cultural diferente, as mulheres desbravaram graduações an-

tes imagináveis somente para Sharmas e Ondras e galgam seus postos cada vez maiores no cenário da escalada mundial. A cada semana despontam vídeos de conquistas importantes, seja na escalada esportiva, tradicional, alta montanha, e também os patrocínios e até mesmo os produtos destinados ao público dito mais exigente feminino começa a ser uma breve, mas verdadeira realidade. A competição por gênero ainda existe, mas a diferença não limita e nem impede mais que as mulheres recebam destaque e reconhecimento por suas escaladas.

Neste ano frutífero do sexo antes frágil, tivemos Daila Ojeda encadenando *Mind Control*, seu primeiro 8c+ seguida por Nina Caprez finalizando a mesma via, em Oliana na Espanha, quintal de casa de Daila e Chris Sharma. Dentre as visitas do casal, Colette McInerney encadenou *Mon Dieu* (8a+) e Monique Forestier finalizou a clássica *Fish Eye* também 8c, uma via aberta por Chris Sharma. Mas das leituras e notícias que tive dos sucessos e cumes na escalada, sobretudo na excelente temporada patagônica, alguns foram especialmente alegres e comemoradas por mim.

Em novembro viajei a Mendoza e, hospedada em um hotel que por vezes recebe alguns escaladores, conheci Heidi, uma intrépida americana, falante, alta, magra, de óculos e cabelos curtos, pele bem branca, 40 anos, veterinária e estudante de tibetano. Heidi buscava equipamentos para seu curso de Guia de Montanha após uma temporada em Torres del Paine. Caminhava pelo corredor do quarto vestindo seu baudrier novo enquanto conversávamos, com os mosquetões tilintando e fazendo barulho, me perguntando alto se eu não achava que ela havia feito uma compra ótima. Indiferente à movimentação do quarto, gesticulávamos e dividíamos nossas histórias, entre via-

gens para Colômbia, sua temporada de um ano pelo Tibete sua caminhada até o Campo Base do Everest.

Nem de longe Heidi parecia para mim uma escaladora típica, ou uma mulher forte, seus braços magros, sua frágil saúde e uma gastrite adquirida em temporadas longas em lugares inóspitos me faziam pensar como e por que ela se colocava constantemente a prova e sentia apreensão e admiração por ela. Heidi havia me comentado da possibilidade de ir ao Aconcágua. Disse que faria o curso de guia, pois trabalharia mais uma vez no Chile e estava sendo exigida tal certificação e formação para a atividade que trabalharia. Então, pensei, irei para a montanha tentar um cume pela rota normal no Aconcágua que acredito conseguir de forma feliz e tranquila, antes de voltar para trabalhar. Eu fiquei surpresa com a determinação da minha amiga de shorts, havaianas e lentes de contato na minha frente e a desejei sorte de todo o coração. Ela acertou com uma expedição (desconhecida) na última semana, comprou os equipamentos que faltavam e atingiu o cume no último mês da temporada. Contou-me que o mais difícil foi encarar o descaso e a teimosia de alguns machistas da equipe e que teve que provar seu senso de direção, liderança e facilidade na aclimação todo o tempo da escalada de mais de seis mil metros.

Conheci Vanessa quando morava na ilha de Florianópolis. De cabelos curtos e olhos tranquilos e observadores, ela começava seus passos na escalada. Na primeira conversa que tivemos, ela me perguntou como eu tive coragem de ter ido morar sozinha tão cedo. Eu, que não tinha parado pra pensar no assunto, me dei conta que não sabia direito o verdadeiro significado da palavra coragem. E que viria a aprender anos depois com ela.

Sempre firme e constante, Vanessa seguiu motivada e dedicada na escalada desde seu pri-

meiro curso até as constantes escaladas com amigos e namorado, consolidando seu grau, aprendendo e evoluindo. De personalidade forte, séria e decidida, Vanessa sempre me pareceu saber o que queria, e ela sempre quis escalar, sem limitações. E foi em terras patagônicas que ela alcançou o primeiro de seus muitos cumes.

Vanessa já havia escalado em Cochamó, Chile e chegou a Chaltén, Argentina sem grandes pretensões, mas já com alguma experiência acompanhada do namorado e de um amigo. Decidiu acompanhar as escaladas até onde dava e, sem saber de sua capacidade e coragem, seguiu até o cume. Mesmo contando com a experiência dos parceiros de corda, sei que ela teve que lidar com suas próprias decisões e limitações, sua única e verdadeira vontade de adquirir ela própria sua experiência. Em um ambiente como o patagônico, e rodeada somente de homens, com certeza ela precisou vencer seus medos, precisou escalar com toda sua força e conhecimento para chegar lá. Vanessa Staldoni, junto com Rafael Seco e Alexandre Altmann, atingiu o cume da "De la S", importante agulha de uma região bela e inóspita como Chaltén, em que pedras se soltam, rapéis são incertos e ventos e mau tempo são uma constante ameaça.

Essas mulheres maravilhosas em terras estrangeiras e tantas conquistas de pessoas próximas e amigas além das que vemos na internet e em livros nos fazem acreditar que definir ou classificar invariavelmente limita. Neste mês de março que passou o mês do Dia Internacional da Mulher, eu desejo que nós mulheres possamos viver a escalada com paixão, doçura e coragem. E que os bons ventos soprem para que possamos ser todos felizes e iguais. Boas escaladas a todos.

Para todo dia, uma grande aventura



Crampon 25

Ref. 0025 - Mochila para uso urbano e em ataque a montanhas, com estrutura em placa rígida e acolchoado reforçado nas costas e alças. Acesso principal por zíper, com reforço de engates para evitar abertura accidental. Vem com suporte para hidratação, capa de chuva embutida e fita peitoral. Possui acesso também pelo fundo, facilitando o acesso. Seu amplo bolso frontal possui organizadores. Vários pontos em alça servem para prender mosquetões e itens longos. Aplique refletivo para segurança à noite. Feita em lona de náilon e tecido ripstop.

Crampon 27

Ref. 0027 - Modelo para uso em caminhadas curtas ou uso urbano, vem com abertura superior por zíper, dando acesso ao amplo espaço interior, onde tem divisão para suporte a sistema de hidratação, que também pode ser usada como organizador. Vem com capa de chuva embutida, alças e apoio das costas acolchoados e peitoral. Os apoios são separados para ajudar a ventilação e as costas possuem armação em placa rígida. Aplique refletivo para segurança à noite. Feita em tecido ripstop.

R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudon - Teresópolis- RJ - (21) 2742-9652 Fax (21) 2742-5781 - CEP 25954-195 - sac@trilhaserumos.com.br



Crampon 23

Ref. 0023 - Mochila para caminhadas curtas e uso urbano, com apoio para sistema de hidratação e capa de chuva embutida. A divisão interna serve para organizar o material no interior. Bolso frontal com divisória. Os bolsos laterais servem para levar garrafa de água ou itens menores. As costas são acolchoadas com abertura para facilitar a ventilação. Alças reforçadas, com engate peitoral. Aplique refletivo para segurança à noite. Feita em tecido ripstop.



Vestuário



Mochilas



Sacos de dormir



Acessórios

www.trilhaserumos.com.br

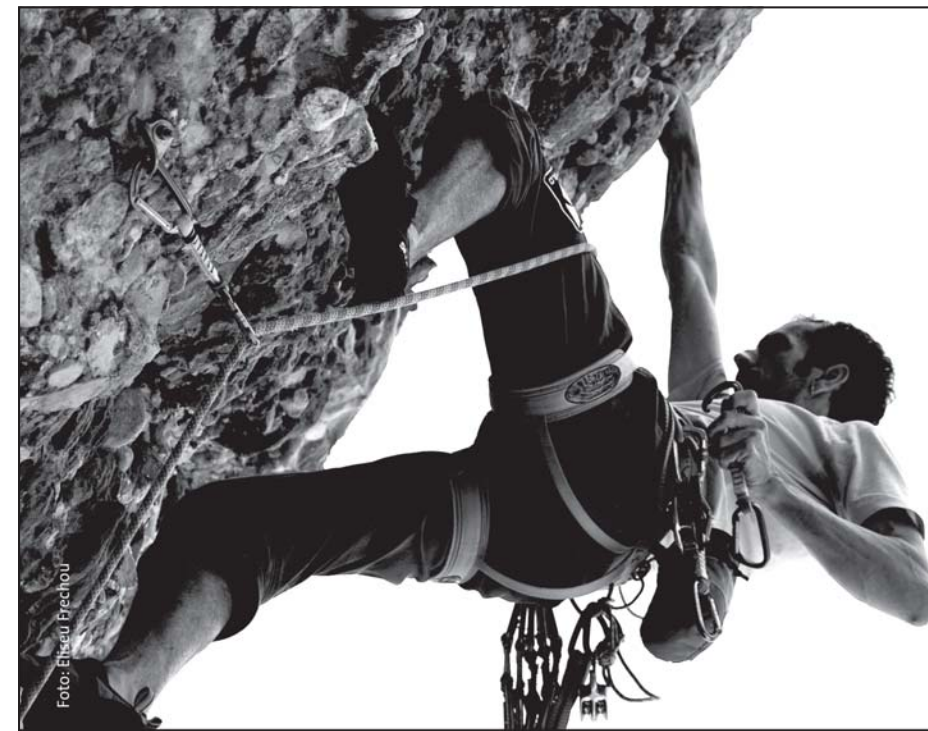


Foto: Eikeu Prechou

EU SOU A MONTANHA

Subir é aprender a ser livre. A SOLO veste sua liberdade para você viver a aventura.

VISTA SUA LIBERDADE

www.solobr.com

SOLO

Por trás das pedras

ANDRÉ BEREZOSKI | SP

A participação brasileira no Campeonato The North Face 2012 em Santiago, no Chile, este ano foi mais uma vez espetacular. A equipe de escalada viajou com um time que desde as confirmações de presença, já fomentaram as apostas sobre as possíveis colocações no pódio, e além do time de competidores, nossa participação se estendeu até os bastidores, com a montagem das linhas de Boulder da maior e mais importante competição da América Latina.

Com a confirmação da data, todos os interessados em participar desta competição traçaram suas estratégias, planificações de treino e trabalho, para levar mais uma vez o Brasil nas costas e, como já é de costume, incomodar os outros países com nossa participação, que sempre retornou de viagem com as malas cheias não só de bons vinhos chilenos, mas com importantes títulos/resultados, nunca deixando de fora um ou mais brasileiros no pódio. Mas nem sempre nossos planos sobre estratégias de competição saem como planejamos. Uma competição deste porte requer uma atenção especial em relação à dedicação e disciplina de treinos, foco e muita disposição, não só de tempo, mas de energia, além de uma boa dose de experiência para aguentar a pressão de treinos e durante a própria prova. Obviamente o primeiro instinto é o da participação, motivado por uma vida dedicada à competição. Juntar todos esses fatores e distribuí-los com o dia a dia de quem sobrevive da escalada no Brasil, se tornou em algo complicado de acontecer, salvo se o dia tivesse 34 horas e o corpo aguentasse tal sobrecarga. Nesses momentos, o curso da história muda com um convite muito especial vindo do maior conquistador de títulos sul-americanos e consagrado escalador chileno Juanjo, no qual me ofereceu uma participação na equipe de route setters, um convite que veio além das expecta-

tivas, uma vez que estávamos negociando um intercâmbio de route setter Brasil x Chile para as provas nacionais. Fazer parte desta equipe, em uma competição deste nível, foi uma honra e veio com uma carga de responsabilidade internacional, uma vez que a disputa desta prova leva os escaladores e o público ao delírio a cada agarrar.

Trabalhar com uma equipe renomada e com uma infraestrutura de peso tornou-se muito motivante, inclusive porque o investimento da North Face numa competição deste porte é altíssimo para os padrões sul-americanos, e uma semana inteira para montar com calma e tempo para testar uma parede gigantesca demonstra o profissionalismo da equipe toda, minimizando as trocas de agarras durante a prova, agarras recém-retiradas das caixas e das melhores marcas do mundo, (as agarras nacionais da GRINGA AGARRA também estavam presentes), uma verdadeira Disneylândia dos route setters. Estar presente foi um verdadeiro presente, não só pessoal, mas também para a escalada brasileira, pois com esta verdadeira troca de experiências, e troca mesmo, este intercâmbio entre os países Brasil, Argentina e Chile, complementarem em vários pontos para todos os envolvidos em informações importantes.

A pressão da montagem só apareceu nos momentos de checar a lista de participantes, que entre os nomes já carimbados, a presença de Yuji Hirayama e Alex Johnson deixou a competição com um tempero especial. Com as linhas prontas, testadas e dentro do cronograma quase suíço (foi uma semana inteira dedicada a testar e escalar), o passo a seguir foi o de deixar que os atletas dessem o tão esperado show, que não preciso nem entrar em detalhes, uma vez que com tantos nomes de peso disputando um título tão importante e de quebra uma premiação em US\$, bem afortunada



Staff do campeonato

por sinal, o resultado foi uma verdadeira batalha para uns e a consolidação dos treinos para outros, mas ao final de cada fase, tudo acontecendo dentro do planejado, e foi assim até o final com o japonês Yuji, com seus 42 anos mostrando o porquê da escalada ser um esporte tão especial que leva o tempo e a experiência a seu favor, uma motivação e simpatia única, o levou a ser o único escalador desta competição a completar todos os boulders, ficando em 2º na final. Os brasileiros Cesinha e Felipinho, 1º e 3º, respectivamente, deram um show a parte levando o público presente de mais de 3.000 pessoas ao delírio. No feminino, a chilena Soho levou o 1º lugar, seguida da americana Alex J. e a Thaisinha na 3ª colocação. Não posso deixar de mencionar os participantes brasileiros Alexandre

Rajagopalan, Jean Ouriques e Patrícia Antunes que completaram o "temível" time brasileiro. O imenso sucesso desta competição tem seus 95% de chances de se tornar um evento histórico para a América Latina com a realização da 1ª etapa da Copa do Mundo de Boulder no Chile no ano que vem, pois tem todos os requisitos de uma prova deste porte e com certeza nossa participação mais uma vez será impressionante. Vamos torcer para que isso aconteça. Parabéns a todos os envolvidos e boas escaladas. André Belê
Atleta apoiado pela Conquista Montanhismo, 4Climb, Casa de Pedra, SOS Sapatilha e BelêPad.

evolv.com.br

Sapatilhas de Escalada Evolv
Os melhores usam...

www.mountaininvoices.com.br

04 indoor

gringa climbing

ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL

WWW.GRINGAAGARRAS.COM.BR

COMPRE DIRETO PELO NOSSO SITE!

agarras training systems

Finger board TENDON Lançamento!

TEL: (11) 7122.1271

HI-TEC®
INSPIRED BY LIFE

O QUE MAIS VOCÊ QUER EM UMA BOTA?



V-LITE MACH 4 HPI

- Tecnologia ion-mask™ WPI
- Mesh balístico com sistema XCM de costuras
- Construção impermeável
- Sistema anti-torção em TPU
- Passadores em aço inoxidável
- Biqueira de borracha
- Tecnologia V-Lite de construção
- Palmilha Confor-Tec
- Solado com placa de suporte Stabila-Flex
- Entressola em CMEVA com tecnologia Dual Densit para amortecimento e suporte - M-PACT
- Sola de borracha e carbono MDT com alta aderência e tração multidirecional

QR CODE
Smartphone



WWW.HI-TEC.COM

23 Feet



LUCIANO FERNANDES | SP

A grande maioria das pessoas dedicadas a prática de esportes de natureza tem o desejo de largar tudo e viver a vida o mais simples possível. Não existe pessoa que não se cansa da correria de cidades megalópoles com pessoas sem nenhum preparo para viver em sociedade. O Filme "23 feet" faz estudo mais profundo sobre este desejo e retrata algumas pessoas que tiveram a coragem de largar a vida de uma sociedade estabelecida como conhecemos e viver da maneira mais simples possível.

O conceito de "viver simples" é um conceito que varia muito de pessoa para pessoa, mas em linhas gerais é aquele desejo quase que bucólico de "não precisar de muito para viver". Porém é importante não confundir "viver simples" simplesmente deixar de trabalhar e viver por conta de herança, outras pessoas ou até mesmo pensão. Achar que a vida é fácil e que colocar a responsabilidade de cuidar de você em outras pessoas significa de falha de caráter, não possuir um estilo minimalista. Invariavelmente

em vários momentos se necessita de pagar a conta do que fizer. Estabelecida esta linha de pensamento, e buscando aqueles que verdadeiramente possuem o objetivo de "viver simples" a produtora de "23 Feet" não escondeu que todas as pessoas entrevistadas possuem atividades das quais conseguem obter um relativo sustento. Quem no início do filme supôs que o filme é uma visão romântica, ou mascarada, da vida Outdoor fora da cidade grande

lha. Tudo isso porque no momento que abdicam de muitas coisas, também têm de encarar que não terão vários confortos e mimos da vida moderna.

De maneira implícita em cada depoimento fica claro que apesar de viver um estilo de vida em que as posses não são o primordial, e sim a sua experiência espiritual.

Dentre os depoimentos em que se constrói o filme vale destacar o depoimento do escalador Ron Kauk, hoje com 54 anos e é conhecido escalador do parque de Yosemite por ter um estilo de vida singular a mais de 30 anos. Kauk de maneira bem carismática, direta e madura consegue consolidar com maestria todos os conceitos e determinações de o que é ter uma vida simples. O ponto de vista do lendário escalador faz com que mesmo quem não seja adepto do esporte se pergunte sobre o que se quer da vida. Fazendo refletir sobre o que são os valores da vida e o que é necessariamente valioso para cada pessoa.

O filme possui um bom roteiro levado de maneira competente e comandado pela narração em voz suave da diretora. Com uma excelente edição, encerra de maneira muito interessante com um comovido depoimento de uma surfista dizendo o que pensa sobre viver simples. Um depoimento que fica evidente que é possível na verdade ter um equilíbrio entre os modos de vida simples e a sociedade atual.

Neste momento de maneira bem discreta e a diretora deixa seu ponto de vista sobre o modo de vida outdoor. Apesar de possuir uma duração pequena o filme é muito gostoso de assistir, e todas as depoimentos valem à pena serem vistas mais de uma vez.



se engana. No decorrer dos seus pouco mais de 20 minutos mostra de maneira adulta e imparcial as várias visões, e estilos, diferentes do que é viver simples. Retratando seis visões diferentes sobre como é viver de maneira simples mas procurando, de início, não adotar uma opinião a se defender, a produtora do filme deixa transparecer de maneira discreta a sua vontade de também largar tudo. Este seu desejo é retratado de maneira muito discreta quando narra suas indagações entre um depoimento e outro.

Filmado e concebido em formato "Roadtrip", mostrando também os contratempos de sua viagem, o ponto forte do filme fica centrado em seus personagens típicos que fazem depoimentos. Todos, de maneira unânime, deixam claro que não é uma escolha fácil, e que por muitas vezes se questionam o porquê desta esco-

lem à pena serem vistas mais de uma vez. "23 Feet é boa estréia em filmes outdoor da produtora Red Wheel, que ao que parece vai se dedicar a este nicho de mercado ainda pouco explorado, em desenvolvimento e expansão.

Uma característica particular deste filme é que foi todo custeado, e divulgado, utilizando redes sociais. O filme contém algum patrocínio de marcas dos EUA, mas o grosso do dinheiro foram levantado foi por meio do site kickstarter (<http://www.kickstarter.com>).

O filme "23 feet" é um daqueles filmes que desde o primeiro momento é um daqueles "filmes Cult" desde já e abre espaço para muitas idéias. Apesar de não conter cenas de ação, que é característica de filmes Outdoor, contém tópicos para que todos reflitam.

CAMPEONATO BRASILEIRO DE BOULDER 2012

18 e 19 de Agosto
Belo Horizonte - MG

07 a 10 de Junho
São Bento do Sapucaí - SP

28 e 29 Abril
Rio de Janeiro - RJ
1ª Semana de Montanhismo Brasileiro

ADRENA
Esporte e Aventura
O aniversário é nosso mas quem ganha o presente e você.

Premiação: Passagem para o Mundial em Paris

Mais informações no Facebook da Adrena Esporte e Aventura

evolv | MONTANHA ROPE | CLIMB | CBVE | CONQUISTA | SOLO

www.halfdome.com.br

Venha se equipar na HalfDome - As melhores marcas ao seu alcance

Al. dos Nhambiquaras, 946
São Paulo - Moema
Tel.: 11 5052-8082

Além de uma loja de equipamentos outdoor você acaba de ganhar um centro de informações

Na Bivak você encontra:

- Assistência na escolha dos equipamentos
- Atendimento personalizado
- As melhores marcas e muito mais!

Marmot | CLIMB | BONIER | PETZL | Black Diamond | CURTLO | deuter

BIVAK
OUTFITTER

e-commerce: www.bivak.com.br

11 2308 6995 - Rua Caramuru, 523
Praça da Árvore - São Paulo
a 2 quarteirões do Praça da Árvore

1ª SEMANA BRASILEIRA DE MONTANHISMO
RIO DE JANEIRO 2012
Brazilian Mountain Week

MAIOR EVENTO DE MONTANHISMO DA AMÉRICA LATINA.

Urca • 23/4 a 1º/5/2012 • RJ

Acesse www.semanademontanhismo.com.br, saiba tudo sobre este grande evento e veja como apoiar e participar do maior movimento pró-montanhismo brasileiro.

Organização: FEMERJ | Realização: CBVE

CAMPEONATO DE ESCALADA • CONVIDADOS INTERNACIONAIS • CONGRESSO • EXPOSIÇÃO • CURSOS



Texto: Felipe Dallorto
Fotos: Flávia dos Anjos

A história do PSICOBLOC

O Deep Water Soloing, também conhecido como Psicobloc, é uma modalidade da escalada praticada em falésias a beira mar, rio ou lago, onde o escalador usa a água como forma de proteção em caso de queda. Nesta modalidade não usamos cordas ou proteções fixas apenas sapatilhas e magnésio.

RESSOLE SUA SAPATILHA NA



***SOS sapatilha**

- 15 anos de experiência no mercado
- Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas
- O menor prazo de entrega do mercado
- Ressolamos com XS Grip Vibram
- Pronta para sua cadena

ACEITAMOS SERVIÇOS DO BRASIL E EXTERIOR

Mais informações
www.bele.com.br ou
ligue para 11 82446672

Embora a modalidade seja visto como um estilo relativamente novo de escalada, ela provavelmente se originou na década de 1960 na ilha de Maiorca na Espanha. Na época escaladores boulderistas começaram como brincadeira de verão e os mesmos não subiam mais de 5 metros e depois se jogavam na água. A modalidade só tomou forma nos anos 70, quando o escalador espanhol Miquel Rieira, realmente traçou um objetivo de chegar ao topo da falésia que possuía 20 metros de altura e foi daí que surgiu o nome "Psicobloc" batizado pelo próprio Miquel. A palavra "PSICO" significa Psicológico, pois você escala muitos metros sem qualquer tipo de segurança e a palavra "BLOC" de Bloco ou falésia.

A modalidade virou febre na Europa e países como Grécia, Itália, Irlanda e Inglaterra, adotaram o estilo de escalada de Maiorca.

No Brasil, há indícios que a modalidade começou parecido com Maiorca, muitos escaladores da década de 80 e 90, já frequentavam points de escalada que hoje são clássicos, como cânions de Furnas e serra do Cipó em Minas Gerais e na pedra do Urubu / Urca no Rio de Janeiro e após as escaladas, os mesmos se refrescavam e brincavam nas cachoeiras, rios e mares destes lugares.

Mas assim como no princípio da modalidade em Maiorca, os escaladores brasileiros desta época, faziam apenas uma brincadeira. Somente após a exibição do filme Psicobloc de Klem Loskot, o Bra-

sil passou a conhecer a modalidade e suas regras.

No ano de 2006, motivado por este mesmo filme fui ao lago da Pedra Hime em Jacarepaguá no Rio de Janeiro e comecei a abrir vias de psicobloc em suas paredes. Eu já conhecia e frequentava o local por suas montanhas e falésias, mas só nesta data após o conhecimento da modalidade decidi escalar neste estilo as grandes paredes do lago que chegam a 18 metros de altura.

Rapidamente o lago ficou muito popular e frequentado por escaladores de toda parte. No entanto as paredes do lago foram formadas por uma antiga pedreira, o que não é natural e nem bonito na visão dos escaladores.

Com as imagens de Maiorca em minha

mente, fiquei pensando se no Brasil, pudéssemos ter um lugar com extrema beleza assim como a ilha mediterrânea e foi daí que iniciei minha busca por psicobloc no Brasil.

Juntamente com a escaladora Flavia dos Anjos, começamos as expedições, tivemos claro nossas frustrações como a ilha filhote da Ilha Redonda, mas também fizemos descobertas exuberantes. Dentre os locais que visitei e conquisei, Arraiol do Cabo é simplesmente a Maiorca Brasileira, paredes altas e negativas, caves perfeitas e água azul cristalina, abrimos diversos setores e vias incríveis neste lugar de extrema beleza.

No Nordeste conquistamos nos

Felipe Dallorto conquistando em Mallorca



cânions do talhado, afluente do rio São Francisco. Este é um dos lugares que mais pegou no psicológico, pois suas paredes negativas de arenito de até 30 metros ultrapassa o limite de segurança. O arenito é bastante quebradiço e uma queda pode vir inesperada e dependendo da altura a água vira asfalto e você pode morrer. O Hospital mais próximo fica cerca de 4 horas de carro.

Tive o prazer de conhecer os cânions de Furnas em Minas Gerais a convite do Felipe Alvarez (Kbeça), lugar de grande beleza e grandes paredes também, o único problema é que o cume fica cerca de 80 metros, ou seja, você escala até o limite de segurança e depois se joga o que não é muito agradável.

Após essas conquistas, fui conhecer Maiorca a convite dos Irmãos Pou, Iker e Eneko, onde tive a grande honra de conquistar um novo setor com os irmãos bascos na Meca da modalidade. A impressão que tive quando escalei a primeira via no local é que não existe lugar mais que perfeito para a modalidade. Foi uma experiência totalmente enriquecedora, meus olhos brilhavam ao ver aqueles arcos e caves perfeita, onde também tive o prazer de aprender e escalar com o Cris Sharma e Miquel Rieira, dois grandes escaladores e incentivadores da modalidade.

Depois de muitas escaladas e aprendizado da modalidade na Espanha, fui para

as ilhas tijuacas no Rio de Janeiro, este lugar é de fácil acesso, cerca de 5 minutos de barco você estará praticando a modalidade. A Ilha possui diversos cânions e paredes perfeitas para iniciantes e para escaladores de ponta. Abrimos diversas vias e setores onde certamente os projetos mais desafiadores irão surgir na cave futurística da ilha Pontuda. As vias curtas do cânion de dentro da ilha Alfavaca possuem aproximadamente 7 metros e não chegam a afetar "psico", mas formam o cenário ideal para aprender a cair na água e entender como funciona a modalidade.

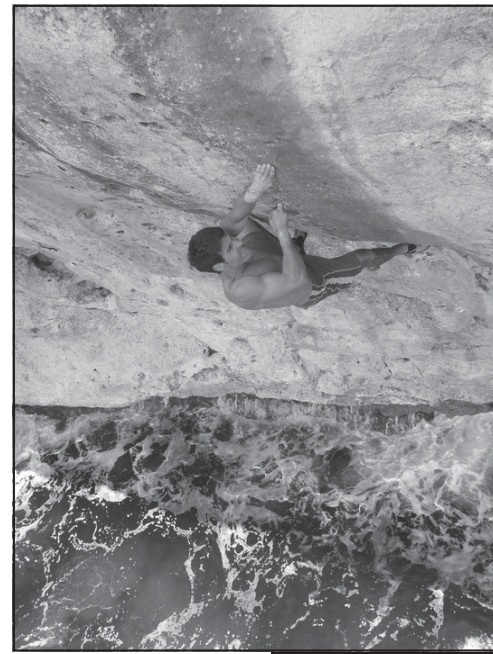
Após seis anos estudando e praticando psicobloc vi e vivenciei a beleza dessa modalidade. Nela os projetos são trabalhados da maneira mais pura possível. Não se pode rapelar para ver a linha da via, muito menos fazer top rope. Cada queda no crux significa repetir tudo de novo para tentar novamente; e cada vez que se vence um crux, o restante é novidade, pois é uma escalada à vista.

Para ser realmente psicobloc, devemos subir no mínimo 10 metros de altura, onde afeta o psicológico do escalador, abaixo disso, é apenas um boulder com colchão de água e arriscar um movimento requer mais que coragem, não basta livrar-se do medo da queda como acontece nas falésias, devemos sim nos livrar deste medo, mas também, principalmente, dominar o corpo para o posicionamento

adequado no caso de uma queda na água.

A leveza da inexistência de equipamento e a não necessidade de costurar também nos permite uma conexão maior com a escalada em si. É um prazer de poder solar, cair e se levantar de novo. Acredito que o psicobloc, tanto no mundo, como no Brasil, ainda vai se desenvolver muito mais. No nosso país temos milhares de quilômetros de costas e rios esperando serem explorados e meu sonho é desbravar cada centímetro.

Aqueles que tiverem a oportunidade de conhecer o psicobloc recomendam começar devagar, estudando seus limites e respeitando a ética da modalidade. Sempre verifique o fundo antes de entrar e observe as condições da maré se está baixa ou alta, pois faz diferença na hora da queda. Boas escaladas e bons vãos.



Miquel Rieira na Cova del Diablo

www.deuter.com.br

Eduardo Barão na Heróis da resistência 9c (8a F) foto Alex Gessner

deuter

Escalando o Éléphant

Expedição Mali 2012

Texto: Edemilson Padilha, PR

Após uma longa viagem de carro de quase 1000 quilômetros pela savana africana, acordamos em Hombori. Fiquei bastante aturdido quando conversamos com o dono do hotel onde passamos a noite, e este nos disse com lágrimas nos olhos que a cidade não era segura.



Quando viajamos para um país como o Mali sempre devemos ter a mente aberta para não sermos preconceituosos em relação aos costumes e à cultura local. Mesmo me preparando psicologicamente foi muito impactante chegar ao aeroporto da capital Bamako e encontrar todo aquele caos. Gente falando alto, outros andando atrás de você oferecendo taxi, câmbio, hotel, etc. Mas o que mais me impressionou foi entrar no taxi e ouvir "Ai se eu te pego" tocando na rádio local.

Dois dias depois já estava mais acostumado com a maneira como as pessoas discutem por qualquer coisa aos berros e depois apertam as mãos como se nada tivesse acontecido. Após uma longa viagem de carro de quase 1000 quilômetros pela savana africana, acordamos em Hombori. Fiquei bastante aturdido quando conversamos com o dono do hotel onde passamos a noite e este nos disse com lágrimas nos olhos que a cidade não era segura. Contou-nos que não havia polícia ali e que nosso carro com três estrangeiros dentro era muito visado pelos rebeldes que agiam na região. Meia hora depois deixamos Hombori em direção a Daari, onde está o complexo de montanhas chamado Mão de Fátima. Sob protestos de nosso motorista, paramos na base da Mão de Fátima. Ali conversamos com um casal que cuidava do único camping das redondezas. Eles nos disseram o mesmo que o dono do hotel: não nos permitiriam ficar! Temiam pela nossa segurança e pela deles. Se abrigassem os estrangeiros certamente sofreriam retaliações da parte dos rebeldes. O mesmo acontecera em relação à tribo que havia do outro lado da cadeia de montanhas. Eles não permitiram que escalássemos. Depois de tantos avisos sentimos que seria falta de precaução insistir na escalada das torres da Mão de Fátima. Afinal, por dezenas de quilômetros havíamos visualizado boas paredes tão bonitas quanto aquelas e partimos em busca de uma montanha singular. Foi assim que um imprevisto nos levou a encontrar algo ainda mais intrigante: O Conjunto de Montanhas do Éléphant.

Na cidade de Douendza comprei mais carga para o meu chip malitel (companhia de celular do Mali). Ali paramos em um hotel de beira de estrada e nos mostraram uma foto do Éléphant com um croqui de uma via francesa de 400 metros de extensão. Nossos olhos brilharam com a beleza e a verticalidade da montanha. Informaram-nos que o exército tinha uma base na cidade e que deveríamos pedir autorização para escalar. Imagine aquelas cenas de filme com os soldados de ray ban e de metralhadora a tiracolo preguiçosamente sentados ao lado da estrada. Disseram-nos para esperar para falar com o comandante. Mil e quinhentas explicações depois, partimos para a aldeia no sopé do Éléphant. Lá, mais uma conversa com o chefe da Tribo que nos pediu para trazeremos um carregamento de cocô de corvo do topo da montanha. Disse que era para uma cerimônia para espantar os maus espíritos do corpo de algum coitado. Aí começaram a surgir crianças por todos os lados e aonde íamos sempre havia um séquito de seguidores muito animados. Arrumamos as tralhas e nosso guia (Nouhum, que veio conosco desde Bamako) nos disse que contratássemos alguns carregadores da tribo como forma



deles poderem ganhar algo com nossa estadia lá. Foi um desastre, em 10 minutos de subida os nossos carregadores já estariam "fatigados" e no final tivemos de subir e descer para buscar as coisas que eles não conseguiram carregar até a base.

Na base da montanha às 14 horas o sol nos derretia. Fazia mais de 40° C e nos escondemos sob uma pedra para esperar o calor amainar antes de iniciarmos a conquista da via. Já tínhamos definido uma bela linha e lá pelas 16 horas o Fernando se encordou e deu o pontapé inicial. Abriu uma cordada direta bem como havíamos planejado. Subi, peguei as peças (friends e stoppers), pois a parede era cheia de fissuras e já nos primeiros metros levei um escorregão. Percebi que a pedra era extremamente lisa e por mais que passasse muito magnésio nas mãos, parecia que ela sempre iria escorregar. Naquele momento eu ainda não sabia que os friends também podiam escorregar, por isso escalei tranqüilo até o final daquele esticão de corda, e cumpri o objetivo do dia antes do sol se pôr no deserto do Sahel. O jantar foi mágico, pois estávamos sem comer algo saboroso durante todo aquele longo dia. Já não posso dizer o mesmo sobre a primeira noite no semi-árido; ventou muito e tivemos que cobrir o rosto para poder respirar o ar carregado de areia. Nada que um café da manhã não apague da memória!

Poeira nos olhos

Acordamos com os olhos cheios de poeira e logo iniciamos a subida pelas cordas. Eliseu começou a guiar um trecho bem esquisito e de repente, sem aviso, dois friends (proteções que colocamos em fissuras na rocha) sacaram da fissura. Foi um susto. Nunca, em mais de 20 anos escalando, havia presenciado algo do tipo. Fiquei preocupado e a partir daquele momento a escalada para nós todos tomou outra proporção. Cada colocação na pedra seria preocupante e nos esforçávamos muito mais para fazer a escalada em livre, sem nem nos apoiarmos nas peças colocadas na pedra. Assustador! Com muito esforço e passando por algumas chaminés apertadas e cheias de cocô de passarinho, conseguimos conquistar duas cordadas e mais um peda-

ço de outra com os últimos raios de sol. Eu e o Fernando descemos prendendo bem as cordas pelas quais iríamos jumarear no dia seguinte, pois com a ventania que havíamos presenciado na noite anterior, as cordas poderiam ser danificadas se estivessem soltas. Quando chegamos ao solo, o Eliseu estava com os olhos inchados e enxergando meio embaçado. Acho que ele tinha comido muito cocô de passarinho e estávamos preocupados que fosse algo grave. Como ele mesmo disse, se piorar ferrou, pois o hospital mais próximo é em Paris...

Amanheceu o terceiro dia de escalada. Por sorte, pela manhã, a parede ficava na sombra. Apressamo-nos em subir pelos 200 metros de cordas fixas. O Eliseu não estava bem ainda da vista e decidiu descer até a aldeia e providenciar mais água para nosso ataque final ao Éléphant. Eu e o "Capitão" (Fernando) tínhamos a missão de escitar todas as cordas, ou seja, escalar até não ter mais cordas para fixar. Escalei alguns metros acima do que havia conquistado no dia anterior e cheguei a uma encruzilhada: para a direita uma fenda negativa e bem esquisita e para a esquerda um diedro estranho que levava a um buraco, um tipo de gruta que acessava o outro lado da Tromba do Elefante. Segui minha intuição e fui direto ao "olho do elefante" e passei para o outro lado da torre. Foi incrível, pois o buraco dava acesso a um platô gigantesco, no lado oposto ao que havíamos começado a escalada. Fizemos um varal com a corda restante e ainda iniciamos a abertura de mais um esticão. Neste ponto acabaram-se as cordas e rapelamos tudo. Chegando ao chão encontramos o Eliseu bem melhor. Havia descansado e lavado os olhos com um colírio e estava pilhado para subir com tudo e dormir no platô naquele mesmo dia! Eu e o Capitão nos olhamos e pensamos "jumarear tudo de novo!!!". Mas, fazer o que não é, era para isso que estávamos ali. Deixamos a preguiça de lado e começamos a arrumar a tralha toda para rebocar até o Platô da Ventania. Água, muita água, era só isso que pensávamos enquanto acomodávamos a carga dentro dos haulbags. O Eliseu estava com o diabo no corpo neste dia e assumiu o reboque com muita vontade. No final daquele dia estaríamos instalados no platô e jantamos uma comida fria, pois o fogareiro não estava funcionando com o combustível maliense. Por sorte a comida liofilizada fica boa até fria.

O duro seria tomar café da manhã sem café! Daquela plataforma, a 250 metros de altura, nos confins da África, conseguíamos mandar mensagens de celular para o Brasil. Maldita tecnologia - desta maneira a gente não consegue se desconectar.

O quarto dia de escalada foi o dia D. De torrar no sol! Como agora estávamos do outro lado da montanha seríamos assados. E eu esquecera meu guarda-sol na base. Enquanto o Eliseu guiava a cordada delicada e difícil acima de nosso acampamento avançado, eu o Capitão torrávamos no sol. E nada daquele vento que nos açoitara a noite toda e quase não nos deixou dormir! Seguíamos uma bela fissura que mirava o cume. Um pouco antes de chegar ao topo do Éléphant nos sa via "bateu" na Via Francesa, que, por sinal era cheia de chapeletas ao lado das fissuras. Acho que eles também não confiaram nas fissuras, porém foram um pouco mais drásticos (para não dizer antiéticos) em relação à segurança.

Cumeeeeeeeeee!!! Guiiei o último esticão de corda que tinha uns pitons soltos e uma chapa (proteção fixa na rocha) ao lado de uma fissura perfeita. Ancorei a corda numa pedra do topo e gritei avisando meus companheiros que a corda estava fixa. Consegui uma sombra ao lado de uma pedra enquanto eles subiam. O calor estava de matar. O cume da montanha era plano e o visual era incrível. Havia outras montanhas próximas e dava para enxergar muito longe aquela paisagem de savana com as tribos em volta, além de aglomerados de árvores aqui e ali. Onde havia água o verde florescia vigoroso. Fotos, filmagens, uns goles de água quente, um pouco de cocô de corvo para o chefe da tribo e iniciamos os malditos rapéis. Digo malditos porque logo no segundo lance de rapel a corda enroscou e não conseguíamos puxar, de maneira que tive de subir de prussik (tipo de nó bloqueante que usamos para subir por uma corda usando dois cordeletes). Subi uns 20 metros, consegui desenroscar e recuperei a corda, passei meu estribo numa ponte de pedra e rapelei nele, enquanto meus companheiros eram cozidos pelo sol. Acho que quando a gente fica parado é pior, sente mais calor.

Dormimos mais uma noite no Platô da Ventania, o que fez jus ao nome. Parecia que o vento nos arrancaria de lá e havia também muita poeira no ar de modo que tínhamos de cobrir a cabeça para poder respirar. Depois desta noite desastrosa resolvemos dar o nome de Blowing in the Wind para a rota recém conquistada. Em referência também à música do Bob Dylan que havia grudado na minha cabeça uma semana antes e que fala que as respostas estão sendo sopradas no vento. Nós seguimos nossa intuição e também os sinais (respostas) que nos foram sendo dados durante toda a viagem; de seguir este, ao invés daquele caminho, e, no final foi tudo perfeito, como sempre deve ser! Duas semanas depois de retornarmos ao Brasil houve um golpe de estado no Mali e o país foi dividido em dois! Voltamos na hora certa!

Equipe: Edemilson Padilha, Eliseu Frechou e Fernando Leal
Empresas que apoiaram esta expedição: Conquista, Solo, Snake, Deuter, Liofoods, Território e Bio Brasil

14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

www.penatrilha.com.br

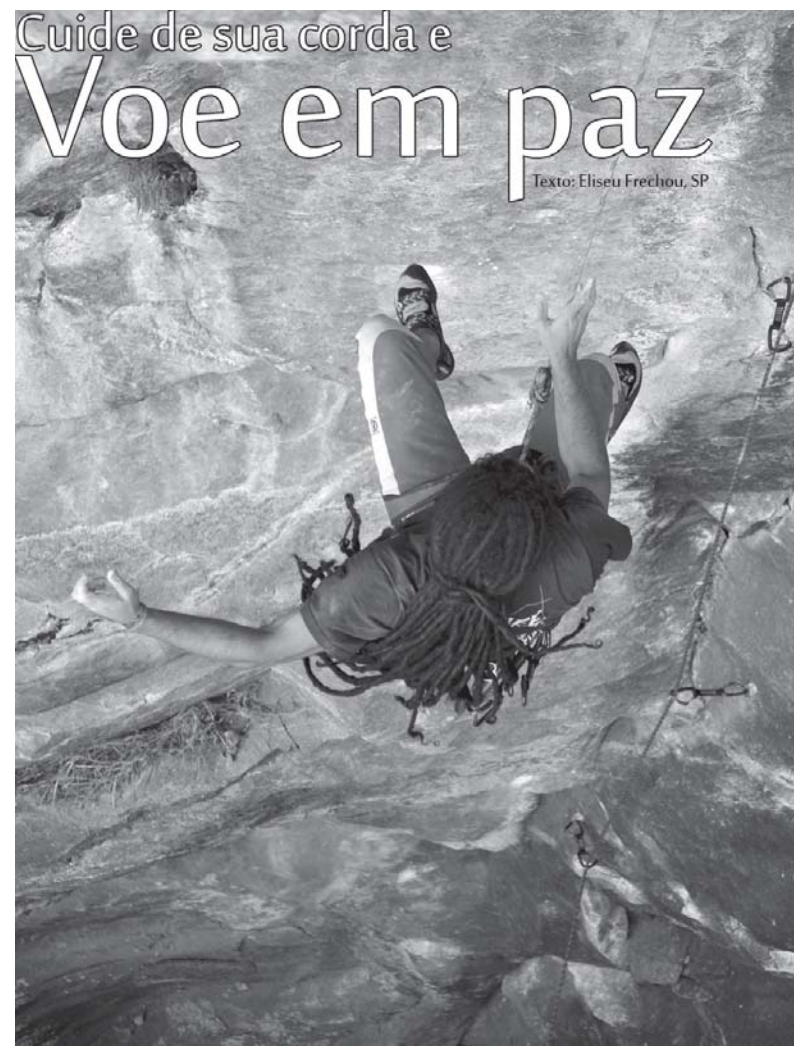


Rua Apeninos 803 São Paulo SP
11 3562 1801

10 ANOS vestindo você nas maiores aventuras!

www.mountaininvoices.com.br

www.basebrasil.com.br



Cuide de sua corda e Voe em paz

Texto: Eliseu Frechou, SP

Dúvida comum de todo novato da escalada é sobre como cuidar da corda, um equipamento bem caro e que é literalmente arrastado montanha acima, agarrando pelo caminho todo tipo de sujeira, desde as que você pode se livrar com um simples chacoalhar, as que precisam de lavagem e as que podem lhe causar um certo estrago no bolso, forçando-o a aposentar sua corda prematuramente.

Lavar uma corda é fácil. Se a sua corda tiver alma soldada à capa, basta lavar na máquina de lavar (não aqueles tanquinhos, que são muito agressivos), apenas com água e sabão de coco. Jamais use detergente. No mesmo banho, podem entrar fitas e cadeirinhas. Deixe secar à sombra, processo que demora um dia ou dois. Para nossa infelicidade, existem diversas substâncias próximas de nosso ambiente de escalada que afetam sua corda permanentemente, e que devem receber atenção especial. Isso não é novidade se você fez um curso básico descende. Mas algumas práticas podem causar tanto estrago no seu equipamento quanto se você morar no Rio

de Janeiro deixá-lo armazenado no porta-malas do carro por todo o verão. O alerta soou nos Estados Unidos, quando uma corda se rompeu ao segurar uma pequena queda em um ginásio. Após uma investigação digna dos seriados C.S.I., descobriu-se que a corda, ao ser deixada por instantes no chão do estacionamento do ginásio, havia sido contaminada com ácido sulfúrico, que é usado em baterias de carro! O escalador, dono da corda, que a havia comprado há apenas 4 anos, e portanto dentro do prazo de "validade", disse que a capa da corda demonstrou uma pequena descoloração na área contaminada, mas ele a confundiu a marca com sujeira de carbonato de magnésio.

Iniciou-se então uma pesquisa para conhecer os efeitos dos ácidos que usamos no dia-a-dia sobre nossas linhas de vida.

Cordas de escalada são feitas a partir de poliamida (nylon), e é bem conhecido que poliamida pode ser severamente degradada após uma, mesmo que breve, exposição a ácidos fortes. Possíveis fontes de ácido são uma bateria de carro ou de certos produtos domésticos, tais como produtos de limpeza mais fortes, usados para desinfecção de banheiros (água sanitária), pisos ou limpeza de fogões. Agora uma nota não imaginável: De acordo com o fabricante da Honeywell, que fabrica a poliamida usada nas cordas de escalada, óleo de motor, óleo mineral, água salgada, gasolina, querosene, benzeno, clorofórmio, tintas, óleos de pinho e repelente de insetos não afetam este tipo de nylon! Segundo a fabricante, os agentes que irão enfraquecer o nylon são os ácidos e os solventes.

Scott Newell da fabricante americana de cordas Blue Water diz que, como regra, "Qualquer coisa que você possa colocar na sua pele que não a queima é OK para a sua corda."

Há também outro ácido que é uma presença constante em nossas mochilas de escalada: o ácido das baterias, sejam as de Níquel-cádmio ou as alcalinas. Mantenha sua headlamp ou furadeira em compartimentos separados ou mesmo fora da mochila.

Outra preocupação é com relação à urina. Tanto a urina humana quanto a animal, diminuem a resistência da corda. E esta redução pode chegar a 30%, o que é considerável e digno de cuidado. Escaladores de grandes paredes tem que tomar um cuidado especial com suas necessidades fisiológicas serem realizadas longe dos materiais de poliamida. Mesmo sem termos testes para provar, é previsível que aconteça a mesma redução de carga com as fitas e cadeirinhas que receberem respingos de urina. Tome cuidado com seu gato ou cachorro também, caso seu companheiro goste de dormir em cima da sua mochila de equipamentos.

Considerações

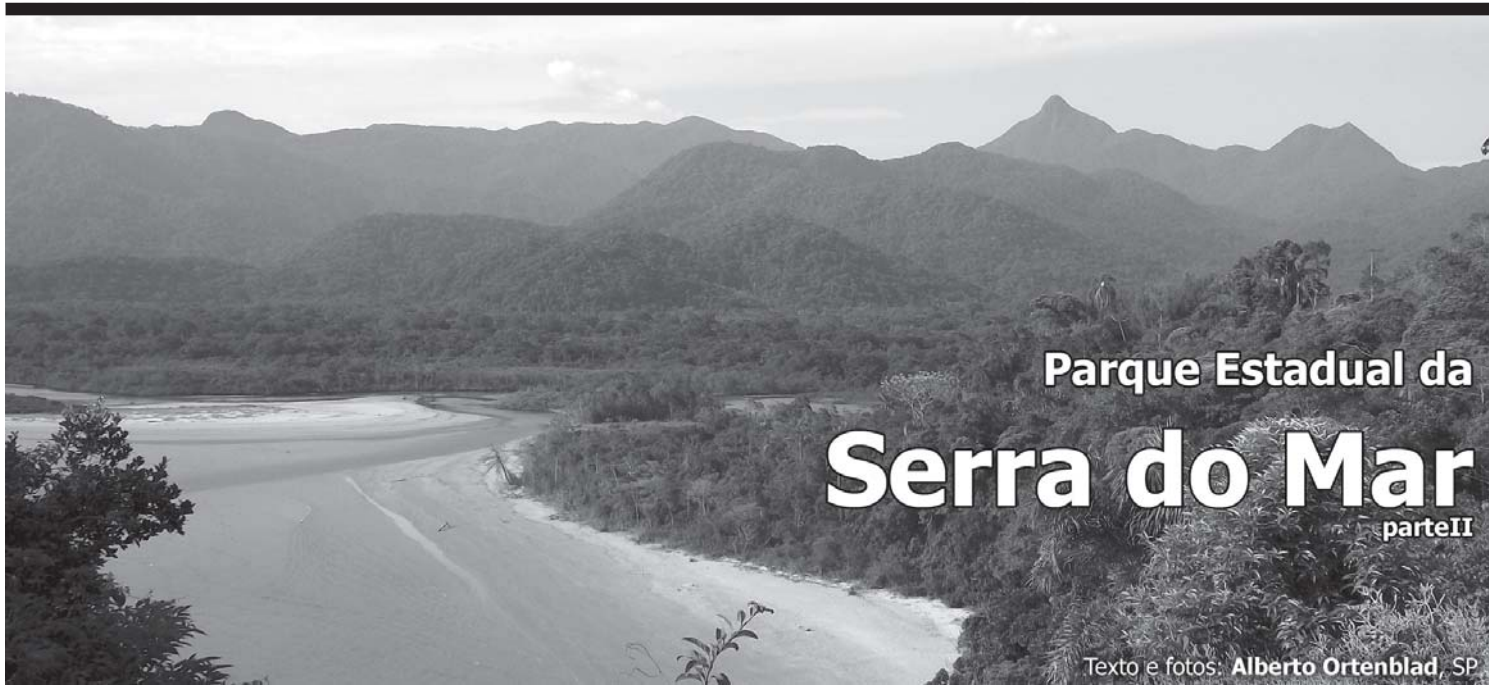
Este artigo não traduz tudo o que se sabe atualmente e ainda há muito sobre o assunto a ser pesquisado. Uma situação é mergulhar a corda numa privada e depois testá-la, outra é saber se o vapor das substâncias podem causar danos e em que proporção. O padrão, na dúvida, deve ser sempre o de aposentar ou cortar uma corda contaminada. Um escalador já tem sempre situações demais para gerenciar durante uma escalada para ter dúvidas sobre a integridade da sua corda.

Tem pedra até no nome... Precisa dizer mais?

CASA DE PEDRA




WWW.CASADEPEDRA.COM.BR



De tantos parques brasileiros, o da Serra do Mar é talvez aquele onde a natureza sofreu as maiores agressões. A muralha verdejante da serra, a densa floresta do planalto, as cachoeiras vertiginosas e os cumes montanhosos são suas maiores atrações. Conheça agora, neste segundo artigo, o restante deste surpreendente Parque Estadual, que procura proteger o que nos restou da Mata Atlântica.

Aspectos Naturais

Seu relevo é composto por duas formações, o Planalto Atlântico e a Serra do Mar. Originaram-se em tempos imemoriais a partir do desmembramento do Continente Gondwana, que reunia a América à África. Esta cisão deixou a cicatriz de uma enorme parede - correndo desde o sul até o nordeste do Brasil, esta verdejante muralha é conhecida como Serra do Mar.

Além da Mata Atlântica, o Parque apresenta praias, restingas e manguezais nas áreas baixas e, nas altas, pequenos campos de altitude. Sua flora é abundante, com grandes árvores como jequitibás, guapuruvus e maçarandubas, além de palmitos, bromélias e orquídeas. A atividade humana tornou quase extinta a fauna de grande porte, mas capivaras, quatis, jaguatiricas, saguis e até onças pardas ainda podem ser encontrados, junto com uma enorme variedade de aves e anfíbios.

Sua região é rica em cursos d'água, os do planalto integrando a bacia do Paraíba do Sul e os da serra correndo para o mar. Esses últimos são belamente descritos num dos textos sobre a região: Do interior da floresta, no alto das montanhas, em pequenos grotões cercados de muito verde, a água cristalina brota da terra e vai buscando seu caminho por entre as pedras. O filete d'água da nascente vai se transformando em riachos, córregos e rios quando vão se juntando as outras nascentes. Descendo a serra rumo à planície em busca do mar, as águas vão esculpindo as rochas, formando corredeiras e chegando aos vales em cachoeiras que formam os mais belos cenários da Mata Atlântica, com suas piscinas naturais.

Gostaria de fazer um comentário sobre a vegetação do Parque. Quando estive na região amazônica, custei a perceber a diversidade da vegetação, que apresentava variados tipos de

floresta. Também na Serra do Mar, você a princípio não notará a diferença entre a cobertura secundária, que voltou a crescer após o corte dos colonizadores, e a floresta primária, que existia originalmente no local. Assim, as regiões mais baixas do PESM, por exemplo os núcleos litorâneos, mostram uma floresta enfraquecida pela exploração. Já nos núcleos Cunha e Santa Virgínia, você irá encontrar uma Mata Atlântica mais frondosa, embora mesmo nos topos a floresta continue secundária. A mata original só existe em pequenas manchas ou em locais inacessíveis.

As Espécies Ameaçadas

O mundo talvez tenha hoje apenas 1% das espécies que existiram ao mesmo tempo em qualquer momento da sua história. Considerado o país de maior biodiversidade do mundo, o Brasil é também um daqueles onde é maior o número de espécies ameaçadas, junto com poucos outros como Austrália, México e China. O estado de conservação de uma espécie depende de fatores como a sua distribuição geográfica, o nível de ameaça a que está sujeita e o ritmo de queda da sua população. Conforme o risco, as espécies ameaçadas podem encontrar-se em situação crítica, de perigo ou apenas vulnerável. Segundo o IBAMA, há hoje mais de 600 espécies ameaçadas no país – isto consta do chamado Livro Vermelho.

Como você sabe, a extinção de animais tem sido frequente. Cito apenas o exemplo da ararinha azul, da qual existe (ou existia?) um único macho no Brasil, no interior da Bahia: com seu longo canto, procura atrair uma companheira nas árvores ribeirinhas onde costuma fazer ninho, mas todas as outras ararinhas azuis existentes no mundo estão em cativeiro. A história

da extinção de animais é dos relatos mais dolorosos que conheço. Como a Serra do Mar foi historicamente sujeita a desmatamento e extração da flora e caça ou captura da fauna, não surpreende que apresente uma grande variedade de espécies ameaçadas. Indico abaixo uma relação delas no PESM, incluindo apenas as mais conhecidas:

Aspectos Humanos

Devido à sua localização, o Parque convive com áreas de antiga história e de densa ocupação. Em especial, em nenhum outro local o desolador impacto do homem é tão visível como em Cubatão, seja na planície neoventa e industrializada ou na encosta horrendamente construída. Muitos dos trabalhadores da Via Anchieta se assentaram desde 1930 nas Serras Pinhal do Miranda e Água Fria, somando hoje 25 mil pessoas em áreas do Parque, numa ocupação ambiental e socialmente perniciosas. Ficam também em Cubatão as mais antigas ocupações, decorrentes de sesmarias datando da época do descobrimento. Estas terras foram a seguir doadas aos padres (e também por eles compradas), gerando a Fazenda Geral dos Jesuítas, que foi o maior dos seus latifúndios

Algumas das Espécies Ameaçadas no PESM			
Onça Pintada	Onça Parda	Jaguatirica	Queixada
Anta	Bicho Preguiça	Gato Maracajá	Lontra
Sagui Serra Escuro	Mono Carvoeiro	Gavião Pomba	Gavião de Penacho
Jacu	Jacutinga	Macuco	Pavão do Mato
Beija Flor Ametista	Picapau Rei	Jequitibá	Pau Brasil
Cedro	Palmito Juçara	Imbuia	Candeia
<i>Nota: a quantidade de espécies animais ameaçadas varia de 269 a 171, conforme as fontes: Fundação Florestal, Instituto Florestal e IBAMA.</i>			

no Brasil. Com sua expulsão do País, passaram para o Coroa e, depois, para moradores privados.

Como aconteceu com outros locais da Serra do Mar, esta região sofreu um irreversível declínio agrícola a partir do século retrasado. De fato, muitas das glebas do Parque resultaram do malogro de antigas fazendas, como Curucutu e Santa Virgínia de exploração de carvão e Picinguaba, de cana de açúcar. O Parque abrange talvez uma dezena de comunidades socialmente ameaçadas, seja dos indígenas, dos caiçaras ou dos quilombolas. Inversamente, muitas de suas áreas convivem com situações de valorização imobiliária e agitação litorânea, especialmente de São Sebastião a Ubatuba.

Os Núcleos do Parque

Como já comentei, o Parque é dividido ao longo de seu comprimento em oito núcleos, resumidos a seguir, de sul a norte: Uma observação: em nenhum núcleo é permitida a presença de animais domésticos - portanto, se você tem um cachorro inseparável, terá de deixá-lo em casa. Apesar disto, contei cerca de uma dúzia de animais residentes, entre caninos, equinos e felinos. De tantos cães, nenhum su-

perou Nero no núcleo Caraguá, capaz de muitas atuações, inclusive de uma em que fingia preguiça. Cheguei a ser seguido por dois cavalos no início de uma das trilhas em Santa Virgínia – no dia seguinte, trouxe muitas cenouras para eles. O único gato apareceu logo à entrada do núcleo de Cunha, carregando orgulhosamente um enorme rato entre seus dentes. Os núcleos do sul e do planalto foram descritos no meu artigo anterior; neste, falo a seguir dos núcleos litorâneos.

Os Núcleos da Praia

São Sebastião – Sua sede fica na conhecida Praia de Juqueí, ocupada por muitos condomini-

donado, na Estrada do Rio Pardo, que vai até Salesópolis (ver abaixo). Talvez valha a pena recordar a história da Rota Dória, antigo caminho que ligava São Sebastião a Salesópolis. Aberta pelos padres do litoral (entre os quais o Padre Dória), como uma ligação comercial até a capital paulista, foi fechada pelos interesses econômicos santistas. Passou a ser usada como caminho clandestino para o tráfico de escravos até ser abandonada e esquecida. Dela alguns poucos vestígios permanecem, como casarões, igrejas e senzalas. Convém lembrar que existe a APA marinha do litoral norte, como se fosse uma extensão costeira do Parque. São três grandes mosaicos que

Núcleo	Área (hectares)	Município da Sede	Dist. km Capital	Alojamento Disponível	Tipos de Relevo
Itariru	50.000	Pedro de Toledo	170	não	Planície
Curucutu	12.000	São Paulo	70	sim	Planalto e Serra
Itutinga-Pilões	115.000	Cubatão	70	não	Planalto e Serra
São Sebastião	20.000	São Sebastião	160	não	Planalto e Serra
Caraguatatuba	50.000	Caraguatatuba	200	não	Planalto e Serra
Santa Virgínia	18.000	São Luiz Paraitinga	220	sim	Planalto
Cunha-Indaiá	14.000	Cunha	270	não	Planalto
Picinguaba	48.000	Ubatuba	280	sim	Serra e Litoral

os. É curioso como o PESM não era anteriormente divulgado, pois tive por anos uma casa em Juqueí e nunca soube que havia um Parque à sua volta.

Existe no site do Parque esta descrição sobre a natureza local: As paisagens radicais são o ponto forte do Núcleo, graças ao mergulho vertical de suas escarpas no oceano, que destaca o contraste entre a coloração negra dos costões rochosos e as espumas brancas das ondas que neles explodem; diferentes matizes de verde que refletem a mata, a serra e o mar: uma composição mágica dentre o clima quente e úmido que possibilita a diversidade entre cada ecossistema, seja marinho, rochoso ou florestal.

O mais interessante caminho deste núcleo é o das Cachoeiras do Ribeirão do Itu, que deságua em Boiçucanga. É um impressionante percurso vertical de 8 km, que ao longo da floresta de encosta passa por oito estupendas quedas, até uma estrada intermediária (a da Limeira, de que falarei logo a seguir). Muitos anos atrás, desci por todas elas vindo de Salesópolis e, mais recentemente, subi até a quarta queda, a partir de onde a trilha estava interrompida.

Embora bonitos, os outros seis caminhos são um tanto banais. Você pode acompanhar o percurso de rios, com poços para banhos e cachoeiras, como na Barra do Una e no Sertão do Camburi. Pode ainda percorrer a trilha da Praia Brava, pequena, perigosa e deserta. Ou visitar o escorregão e os poções do Rio Cristina, ambos no Parque Tuim, no sertão do Una, perto da Rio-Santos.

Há também a Estrada da Limeira, que parte da Praia da Enseada, logo antes do costão de acesso a São Sebastião. Ela tem 25 km em terra e é usada pela Petrobrás para manutenção do impressionante oleoduto enterrado que sobe até o planalto. Acompanha o litoral pelo alto da serra, até Maresias e Juqueí - este tipo de trajeto é muito raro, pois as estradas na Serra do Mar correm entre o planalto e o litoral, e não paralelas a este.

É uma estrada única, que você percorrerá com uma estranha expectativa, pois é sempre deserta, atravessada por enormes obras de engenharia, dentro de uma magnífica mata fechada, com surpreendentes vistas da costa – mas, a rigor, não vai a lugar algum. Ela chega às torres de transmissão e termina próximo a um viaduto aban-

do caminho, você acompanhará o vale do Rio Santo Antônio, até a Sede do núcleo. O leito protegido desta trilha é percorrido por uma grande variedade de animais: durante as 2½ hs de descida, encontrei vestígios de macucos, jaguatiricas e sucuraranas, além de mãos peladas, queixadas, cutias e bugios.

Se você fizer esta trilha, notará a estranha presença de pinheiros (pinus eliottii) no seu trecho mais baixo, do Santo Antônio. Você já os terá avistado na descida da Tamoios. Estas árvores de rápido crescimento foram plantadas para a estabilidade das encostas, após a catástrofe de 1967, quando Caraguá foi devastada por uma enchente (ver a seguir). Hoje em dia, seria impensável a introdução desta espécie invasora no meio da Mata Atlântica. Fico pensando como ela seria estúpida, com sua vegetação primária de imensos jatobás, ipês, perobas, cedros e palmeiras.

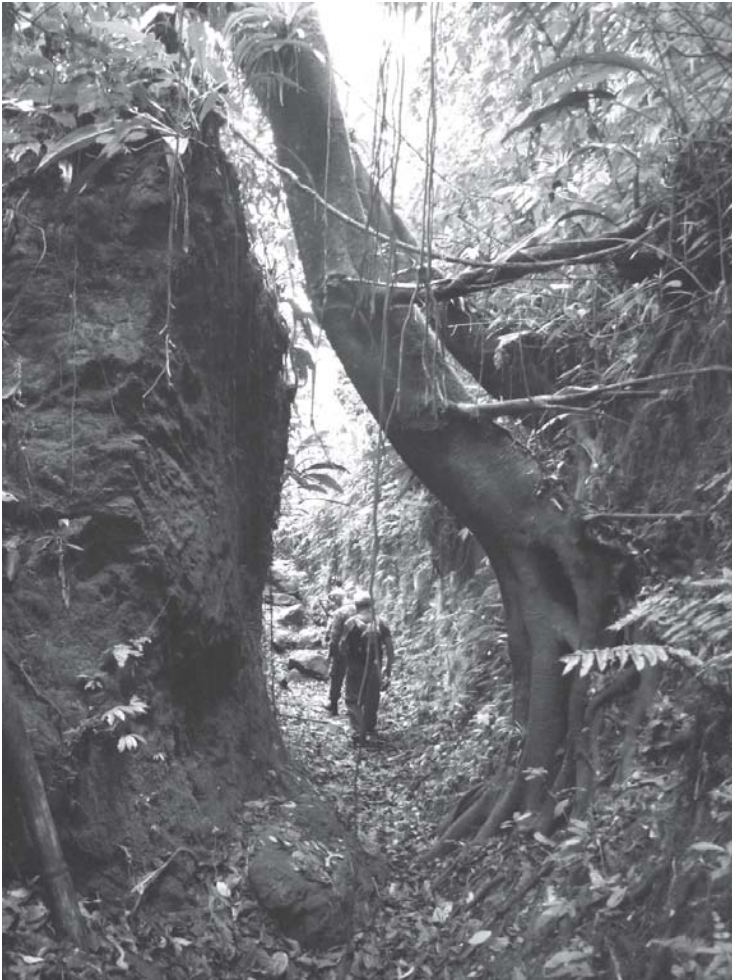
O outro caminho histórico é a Trilha da Mococa, um caminho sinuoso de mais de 15 km no interior da mata, com um amplo mirante de todo o litoral norte. Ele começa no bairro do Pachi em Natividade da Serra e termina ao encontrar o litoral na Praia da Mococa, já próximo à Tabatinga, num local onde havia antigamente uma hípica. Seu maior interesse é a ampla vista inicial do litoral norte, pois a trilha corre sempre a partir daí por dentro da mata. Assim, se você descê-la, não terá grandes recompensas ao longo do caminho – e, se subi-la, enfrentará um exercício cruel pelo desnível de quase mil metros. Aparentemente, não está sendo praticado com regularidade.

Além de três outras trilhas curtas, você pode visitar no planalto a Represa do Paraibuna, atra-

vés dos 20 km da estrada do Pavoeiro. Esta represa é a maior da região - não forma propriamente um grande lago, mas acompanha de forma estreita os braços do Paraibuna e do Paraitinga. Sua criação em 1970 ocasionou algumas mudanças importantes: a inundação da vila de Natividade da Serra, que foi reconstruída numa colina próxima; a mudança da Rodovia dos Tamoios, que passava originalmente por áreas hoje alagadas; e a perda de terras férteis, com a emigração da população local para o Vale do Paraíba. Existem longas trilhas de mountain bike às suas margens.

Mas a maior atração talvez venha a ser a Estrada do Rio Pardo, que hoje funciona como uma via de serviço da Petrobrás. Ela parte do bairro do Porto Novo, logo em seguida à ponte da Rio-Santos, após deixar Caraguá rumo a São Sebastião. Passa pelo bairro do Rio Claro e, ao subir a encosta, encontra a Estrada da Limeira (citada acima) próximo a um pontilhão perdido na serra. Dirige-se então a Salesópolis, terminando no pequenino Parque Nascentes do Tietê. Seus 70 km em terra atravessam poços, cachoeiras e mirantes - deverá funcionar futuramente como uma estrada-parque, quando a estrutura de visitação e acampamento estiver pronta.

Picinguaba – Você chegará lá pela Rio-Santos, 40 km depois de Ubatuba. É a única área que atinge o litoral, em especial na bela e calma Praia da Fazenda. Tem grande importância por se sobrepôr à Serra da Bocaina e à APA do Cairuçu na Joatinga e, mais além, ao recém-criado Parque Estadual de Cunhambebe (ver meu artigo duas edições atrás do MV).



Bem instalado, possui amplos alojamentos para visitantes. Foi implantado a partir de 1985 e é um dos mais interessantes núcleos do Parque. Afirma-se com alguma ênfase que ele concilia em seus objetivos de conservação ambiental, a difusão e valorização da cultura caiçara, representada nesta região por inúmeras comunidades de pescadores artesanais.

Logo à entrada, você encontrará a Casa da Farinha, uma interessante construção em pedra, que funcionou originalmente como uma pequena usina de açúcar construída por italianos. Foi depois adaptada para moer mandioca, aproveitando a roda d'água existente – sua produção transitava pela Trilha do Corisco ou navegava pelo Rio da Fazenda. Com a atual política de valorizar as comunidades, foi entregue aos quilombolas locais: como resultado, da última vez que lá estive, surpreendi-me com a imundície do lixo jogado por toda a parte. Está atualmente fechada ao público para reformas.

Sua maior trilha é a do Corisco, antiga ligação com Parati, com 20 km dentro da mata densa e envolvente. Nunca a fiz por inteiro, mas conheço cerca de 2/3 dela, a partir de suas extremidades. Sinceramente, acho que não vale muito a pena embrenhar-se por 8 horas num mato fechado, para conhecer a feiosa Vila do Corisco e de lá voltar por estrada para a orla. Ela dá acesso ao Pico do Cuscuzeiro (1.277m), assunto de um antigo artigo meu da série Belas Pedras (XI). Esta é uma trilha difícil, por ser pouco praticada - e algo decepcionante, devido ao cume pequeno e incômodo – mas a montanha tem um desenho sugestivo, visível desde bem longe.

A trilha do Corcovado (1.168m) é a mais interessante do núcleo – veja detalhes em Belas Pedras (X). Como a do Cuscuzeiro, irá lhe tomar 4 horas de ida, e isso com mochila de ataque. Seu início é pela Praia Dura, a 20 km de Ubatuba no sentido de Caraguá. A trilha é íngreme e retilínea, inserida numa das mais belas vegetações de toda a Serra do Mar e com ocasionais vistas da formidável parede do cume. Sua rampa de 15%

é considerável, se você lembrar que se estende por talvez 7 km. O panorama do alto é deslumbrante, alcançando desde as praias do litoral, de Caraguá a Ubatuba, até as ondulações das Serras do Quebra Cangalha e da Bocaina. Mas há outro acesso ao Corcovado – sem exagero, também extraordinário - como você viu no artigo anterior.

As demais 10 trilhas são relativamente curtas, chegando a pequenas praias, rios ou a poços para banhos. Este é um trecho do litoral ainda preservado, apesar de sua proximidade a locais conhecidos. Em particular, o Rio da Fazenda é muito bonito, desaguando logo à entrada do Parque. Você poderá ainda percorrer trechos de restinga, de manguezal e de rio, ao longo de trilhas com 2 a 6 km, o que torna Picinguaba talvez o núcleo de interesses mais variados do Parque.

Muitas das trilhas foram antigos caminhos que ligavam as vilas litorâneas, como a do Corisco referida acima. A Rio-Santos foi implantada nas antigas passagens de servidão então percorridas pelos caiçaras. Nos trechos onde a serra encontra a costa, o traçado da rodovia recorreu a cortes na rocha, vindo a passar pelo alto. Ao contrário, as antigas passagens seguiram próximo aos costões, como nas trilhas de Caçandoca à Praia da Lagoa (12 km) ou de Camburi a Trindade (6 km).

As Cidades do Parque

Faço aqui rápidas menções às principais cidades no entorno destes três núcleos do Parque. **São Sebastião:** a região foi avistada no alvorecer do século XVI por Américo Vespúcio, sendo São Sebastião a mais antiga das vilas do litoral norte. Era a terra dos tupiniquins, que ocupavam a costa até Boiçucanga. Os tupinambás se assentavam de lá até Cabo Frio e os guaianases, no planalto – eram estes os três feroces grupos tamoios com os quais os portugueses tiveram de lutar pela posse do território. A prosperidade de São Sebastião de-

veu-se ao porto profundo e protegido pelo canal de Ilhabela. Abrigou engenhos de açúcar, cultivos de fumo e café e a pesca de baleia. Entrou em declínio com a operação da ferrovia Santos-Jundiá, que de lá desviou o fluxo de transporte. Só recentemente, o turismo litorâneo restabeleceu seu progresso.

Caraguatuba: foi fundada em meados do século XVII, mas sua humilde existência foi ignorada por mais de um século, quando o governador de São Paulo mandou erigir um povoado naquele mesmo local. Era chamada A Vila que Desertou, pois sua população simplesmente abandonou a cidade quando soube da vinda de uma devassa do serviço público. Caraguá só cresceu a partir da instalação da Fazenda dos Ingleses para a produção de frutas, um grande empreendimento, com seus próprios porto e ferrovia. Mas a terrível enchente de 1967, que desabrigou 1/3 da população, devastou a Fazenda – sinal dos tempos: nas suas terras lindas com a rodovia, está sendo construído um shopping. Em seguida, a Rodovia dos Tamoios foi importante para o crescimento imobiliário e turístico da cidade.

Ubatuba: existia neste local uma aldeia indígena chamada Iperoiq, que os jesuítas visitaram em missão pacificadora, durante a guerra dos tamoios contra o domínio português. Mas a vila de Ubatuba só foi fundada no século XVII, como um lugar propício ao transporte fluvial. Local de produção de açúcar, fumo e anil, foi importante para o escoamento do ouro mineiro. Mais tarde, com a cultura do café e o tráfico de escravos, Ubatuba teve seu apogeu, sendo então uma das mais ricas cidades do Estado. Entretanto, os transportes ferroviário por Santos e rodoviário pelo Vale causaram seu declínio - revertido com as ligações a Paraitinga e Caraguá no século passado, que trouxeram um novo surto de crescimento.

Um Novo Parque Velho

O Parque existiu em silêncio durante um longo

período após sua fundação, numa prática infelizmente comum do Brasil – aqui, parques são criados e depois esquecidos, como se bastassem decretos (e desapropriações, quando existentes) para preservar a natureza.

Mais recentemente, são visíveis o esforço e o investimento para desenvolvê-lo. São comuns as construções novas, normalmente com desenhos simpáticos em tijolo aparente, bem como a contratação de funcionários jovens para monitoria, conservação e administração. Só como comparação, Santa Virgínia abriga hoje 50 pessoas vs. 60 no PN de Itatiaia, que tem uma visitação de 15 a 20 vezes maior. Picinguaba emprega cerca de 80 pessoas (diretas e terceirizadas) e no mês em que por último lá estive eram previstos 40 grupos visitantes. Os mais de 40 funcionários de Cunha recebem 5 mil visitantes por ano, o mesmo número de Santa Virgínia.

Nas minhas visitas, mais de uma vez soube de reuniões para considerar novas trilhas, o que é muito bom. O Parque tem potencial para um número muito maior de caminhos e, em especial, de travessias. Veja que só no núcleo Itutinga há 22 trilhas conhecidas, muitas das quais esplêndidas, das quais hoje só duas (e bem banais) sendo praticadas.

Confesso que não entendo essa carência de trilhas ativas. Ao longo dos meses em que fui visitando os núcleos, ouvi várias razões: a carência de pessoal, a falta de apoio das prefeituras, o desinteresse por parte das operadoras privadas, a dificuldade de manutenção, incluindo até a inexistência de mapeamentos. O Parque da Serra do Mar é parcialmente desconhecido, até mesmo pelos que lá trabalham, talvez devido às preguiçosas gestões do passado. Seu formato, relevo e vegetação têm impedido uma integração entre suas diversas áreas. Apenas espero que os atuais gestores possam agora renovar este antigo e precioso patrimônio natural.

DAN GRAÇA
HENK CARACUZO

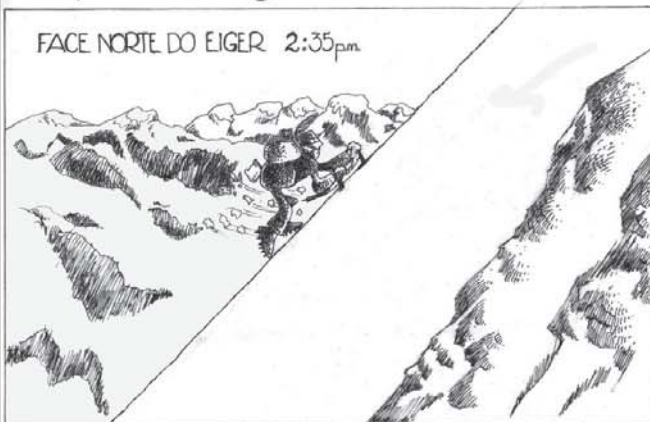
... É ROCHA!

DESENHOS
Felipe

Apresentam:



Máquinas no Eiger



Personal Gênio



Curso de Escalada

Conte com a experiência de nossa equipe e aprenda a escalar com tranquilidade e segurança com quem está no ramo há mais de 20 anos

Guias de Montanha

Pedra do baú, Itatiaia, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais Rio Grande do Sul, Nordeste e centro-oeste

Expedições

Escale as paredes mais alucinantes do planeta! Treinamento específico para big walls e escalada tradicional. Expês para Yosemite, África, Espanha e México

Abrigo

Pertinho da Pedra do Baú, seu campo base para escalar e caminhar na Mantiqueira



MONTANHISMUS

Escola de Escalada em Rocha

Curso Básico e Avançado
Móvel - Big Wall - Conquista
Abrigo de Montanha
(12) 3971.1470

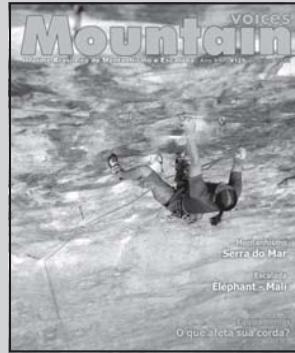
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br



Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

Editores: Eliseu Frechou, Vitor B. Frechou, Artur B. Frechou e Jorge B. Frechou.
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: André Berezoski confiando em sua corda. Sika, 9a - Falésia dos Olhos, Brasópolis, MG
Foto: Eliseu Frechou

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/09/2012.

Nome.....
 Endereço.....
 Cidade..... Estado.....
 CEP..... Telefone.(.....)
 E-mail.....
 Idade Profissão.....
 Como conheceu Mountain Voices?.....
 Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
 Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
 () Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder
 () Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
 () Renovação assinatura - R\$ 20,00
 () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
 () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
 () Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - R\$ 30,00
 () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
 () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00
 () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00
 () DVD Terra de Gigantes - R\$ 25,00
 () DVD Lobotomia 2 Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
 () DVD Lobotomia 3 do PE ao RS - R\$ 25,00
 () Disco HD Dias de Tempestade - R\$ 25,00
 () DVD Karma - R\$ 25,00
Total00

125

Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores. Compre nas lojas de montanha ou pelo site www.mountainvoices.com.br

LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2
Baú e Região

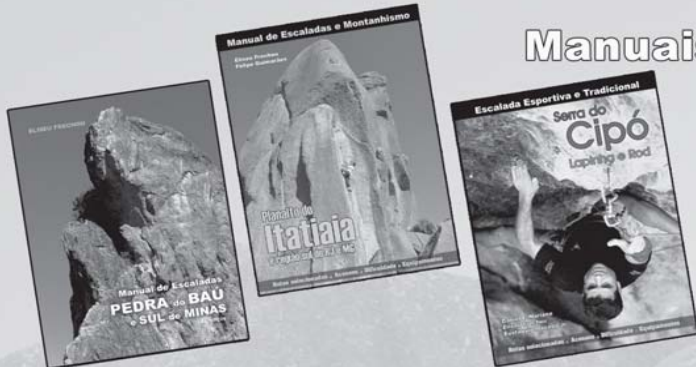


LOBOTOMIA 3
De PE ao RS



DIAS DE TEMPESTADE
mp4 e wmv

Manuais de Escalada e Montanhismo



Pedra do Baú Itatiaia Serra do Cipó

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso

Elevation

A única cargueira do Brasil à altura da sua expedição!



- Excelente Relação Peso/Capacidade
- Zíper Logitudinal. Acesse Qualquer Parte da Mochila
- Armação em Fibra de Carbono
- Toda em Cordura
- O Melhor Preço do Mercado na Categoria Cargueira em Cordura 500

Múltiplas configurações de expansão



Expansão Lateral



Bolsos Laterais



Expansão no Topo

Equinox.com.br

All you need is love.
Sua paixão pela montanha, a nossa paixão pelos produtos

Armour

- Design moderno.
- Regulagem rápida e porta lanterna.
- 6 cores vivas nas versões masculina, feminina e para criança.
- Peso: 340 g

Jasper CR 3

- Para Escalada e Alpinismo. Totalmente regulável. Com sistema único de centralização do cinto e ajuste de pernas.
- Interior confortável em tecido 3D e composição externa em nylon de grande resistência a abrasão.
- Único com Loop central duplo, proporcionando maior eficiência e segurança.
- 4 racks / porta equipo. - Peso: 425 g

Nano 23

- O mosquetão mais leve do mundo, essencial em longas vias de parede.
- De fácil manuseio.
- Peso: 23 g (Nano 23)

Chunky Chalk

- Magnésio em pó de alta qualidade.
- Menos suor, mais aderência.
- Maior rendimento.
- Embalagem zip-lock de 300 g

Contact: vertical@vertical.com.br
Tel: 21-3344-1665 - Rio de Janeiro

www.camp.it

CONQUISTA
Airtech 5000

Impermeabilidade:
5000 mm de coluna d'água

Respirabilidade:
5000 g/m²/dia

Permita que seu corpo respire!